

1 Introdução

Cantar o insucesso humano num arrebatado desalento
Hannah Arendt

Este trabalho teve como objetivo principal buscar, na obra de Hannah Arendt, os pressupostos que nos auxiliariam a compreender o seu conceito de história, temática que ocupou a reflexão da autora em mais de uma obra, e que estava sendo desenvolvida no último capítulo - sobre o julgar - da obra *Vida do Espírito*, quando então a morte surpreende a autora, nos deixando apenas do que seria então seu terceiro capítulo; a epígrafe e o título.

O objetivo de abordar a compreensão que Arendt tinha da história a partir de uma obra que não chegou a ser concluída acabou por exigir de minha pesquisa um caminho que deveria necessariamente passar pelos conceitos e considerações de Arendt sobre temas variados como a modernidade, a diferença entre conhecimento e pensamento, a separação entre política e filosofia, o tempo e o julgar, dentre outros.

Esse caminho mais longo, acabou por me afastar do tratamento sistemático daquelas passagens tradicionalmente mobilizadas para a discussão sobre a história em Arendt

Começo, portanto, a dissertação buscando o acontecimento limite que, segundo Arendt, foi fundamental para construção de sua concepção sobre a modernidade, a qual teve no Holocausto o seu ponto culminante, não só por sua condição de judia, mas, principalmente, por ter participado do julgamento de Eichmann. Deparar-se com o acusado e a sua mais completa falta de reflexão, permitiu-lhe construir suas considerações a respeito do mal como algo superficial, no sentido de não possuir nenhuma questão ontológica que o constituísse como tal.

Ao apontarmos o ponto culminante dessa tal modernidade que nos assola, configurando o que seria esse novo mundo a qual estamos imersos, tornou-se necessário recorrermos ao momento em que se tentou subordinar a política a questões de ordem filosófica, o que, segundo Arendt, teria sido um grande

equivoco para a política, a qual perderia seu caráter autônomo. Ao mesmo tempo, Arendt nos lembra que essa perda do político, presenciada de forma muito mais acentuada na modernidade, nos deixa um alerta a partir da completa fratura com a tradição, uma vez que se esta fratura nos permite, de um lado, vislumbrar um conjunto múltiplo de possibilidades contidas no próprio passado e não apenas aquelas que até então estiveram ligadas à tradição, por outro, essa fratura, presente na modernidade, também poderá ocasionar uma completa incompreensão acerca de nossas deliberações éticas, posto que não possuímos mais o fio que nos conduzia. O mundo se torna estranho e impede que nos reconciliemos com ele de forma a nos sentirmos em casa novamente.

Mais uma vez torna-se necessário recorrermos a Arendt e a seus estudos, que nos alertam exatamente para essa ruptura e essa completa falta de reflexão às quais estariam destinados não só os que participaram do Holocausto, mas todos aqueles que se recusaram e continuam se recusando a pensar por si próprios, estabelecendo o diálogo sem som de si consigo mesmos e fazendo companhia a si mesmos. Se aderimos sem refletir aos valores que o mundo nos impõem, estaremos novamente nos perdendo no individualismo dos próprios afetos, esquecendo-nos, dessa forma, de uma responsabilidade para com o mundo a ser compartilhada por cada um de nós. Para Arendt é essa perda do político como espaço da visibilidade e garantia das diferenças que nos impede de deliberar e pensar sobre o mundo.

Seguindo esse raciocínio, procurei estabelecer o que para Arendt seria a diferença entre conhecimento e pensamento, cuja compreensão nos permitiria fugir à tentativa de aprisionamento do saber a que, durante muito tempo, os filósofos se mantiveram presos. Arendt busca seguir os rumos de uma nova filosofia que se propusesse a destruir os conceitos e as argumentações explicativas, fazendo com que esse passado que agora é indagado se tornasse outro.

O filósofo que Arendt vai recuperar é aquele ligado ao diálogo do *dois-em-um* socrático, que teria como finalidade o questionamento perpétuo sem jamais se preocupar com conclusões finais. Esse diálogo do *dois-em-um* permitiria estabelecer uma ponte com o político que, segundo Arendt, não seria aquele concebido por Platão, mas aquele que permitisse a esse homem que pensa estar no

mundo também como político. Isso não significa que a filosofia guiaria a política, mas apenas que aquele que filosofa também poderia preocupar-se com o mundo.

Outro ponto igualmente importante nessas considerações seria o Julgar: atividade necessária para manter o mundo e estabelecer a ponte que ligaria o Pensar ao mundo da Ação. Neste sentido, o Julgar estaria basicamente relacionado à questão da comunicabilidade, da necessidade de se relacionar a atividade do Pensar, que é uma atividade solitária, ao mundo sem que, por conta disso, tivéssemos que referir o pensamento à atividade prática. O Julgar permitiria um alargamento da reflexão, pois abarcaria as diferenças, permitindo-nos afirmar a nossa própria posição no mundo. Tal exercício estaria relacionado com a nossa capacidade para a memória a partir do momento em que pudéssemos, pela imaginação, tornar presente algo que antes se encontrava ausente.

Contudo, para que essa atividade pudesse ser exercida não poderíamos estar nem no afastamento do mundo, necessário ao pensar, nem no envolvimento ativo que implica a ação. Teríamos que ocupar uma posição intermediária, qual seja: a de um espectador que nem se encontra totalmente afastado do mundo, nem totalmente envolvido com ele .

Essa comunidade dos espectadores possibilitaria a sobrevivência da pluralidade do mundo. O espectador tanto poderia ser o poeta cego quanto o storyteller, os quais, ao se lançarem a um passado que é outro e no qual se encontram fragmentos desconexos, pudessem enfim narrar este passado que já não é mais, conferindo-lhe uma espécie de dignidade.

Esse movimento de idas e vindas ao passado e ao futuro só é possível no momento em que o próprio homem fratura esse sucessivo de agoras em três, afirmando o presente. Somente na afirmação do presente tal como ele se apresenta é que poderemos nos lançar na tentativa de vasculhar o passado na busca de seus fragmentos e somente a partir do presente como o *agora* nietzscheano é que nos será possível dotar de significado a narrativa que nos propusemos contar.

Embora bastante extensa, entrecortada e difícil de ser organizada a partir de seus fragmentos, a obra de Arendt permite percorrer seu pensamento com liberdade Neste sentido, parti de uma espécie de experimentação que me fez pôr em prática o exercício de pensamento que me possibilitou, a um só tempo, entrar em contato com a complexidade do universo da autora e apresentá-lo de forma

global nessa dissertação cujas subdivisões constituem uma espécie de mosaico do pensamento arendtiano.